

AS CARACTERÍSTICAS NATURALISTAS E A FIGURA FEMININA NA OBRA DE DOMINGOS OLÍMPIO: LUZIA-HOMEM ¹

DANIELLE, Da Silva Braga ²
MARTOM, Tomas Gemes ³

RESUMO

Este artigo aborda uma obra Naturalista publicado em 1903, considerada um clássico do gênero Ciclo das Secas da Literatura Nordestina, Luzia-Homem é um exemplo do Naturalismo regionalista. Conforme os autores Pereira (2004), Costa (2002), Bosi (1989). Dentre as partes da obra em que ocorrem as manifestações da teoria Naturalista, foi escolhida para o desenvolvimento desse trabalho a trajetória da personagem de acordo com Olímpio (1989). A obra é uma das últimas da escola naturalista, nela, apresenta-se o flagelo da seca em uma região castigada pelo sol abrasador e a constante falta d'água, ao mesmo tempo em que enfoca a força física e moral da sertaneja – Luzia-Homem, é uma criatura intermediária entre dois sexos, o corpo quase másculo em uma alma feminina e que termina assassinada por um soldado, a se entregar a um homem que não amava. Através dos estudos realizados, pode-se concluir que os traços do Naturalismo brasileiro e, sobretudo nordestino, são marcados pela objetividade, clareza e linguagem simples; para atingir tal fim, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza bibliográfica de caráter exploratória e descritiva. Tais questões, partindo da leitura de Luzia-homem, de Domingos Olímpio, são o motivo deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Luzia-Homem. Naturalismo. Literatura. Mulher.

ABSTRACT

This article discusses a naturalist work published in 1903, considered a classic of the genre of Drought Cycle of Northeastern Literature, Luzia-homem is an example of regionalism naturalism. As authors Pereira (2004), Costa (2002), Bosi (1989). Among the parts of the work occurring in the demonstrations of the theory Naturalist, was chosen to develop this work the trajectory of the character according to Olímpio (1989). The work is one of the last of the naturalist school, it has become the scourge of drought in a region battered by the scorching sun and the constant lack of water, while it focuses on the physical and moral strength of the hinterland, Luzia-homem, is a creature intermediate between the two sexes, the body almost masculine in a feminine soul and murdered by a soldier to surrender to a man who did not. Through studies, it can be concluded that the traits of the Brazilian naturalism, and especially the Northeast, are marked by objectivity, clarity and plain language, to that end, was developed a survey of bibliographical nature exploratory and descriptive character. Such issues, from the reading-man shone, Domingos Olímpio, are the reason this article.

¹ Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito para a obtenção nota da AP.3, na disciplina de pratica de pesquisa 1

² Aluna do Curso de Letras habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

³ Professor orientador. Doutor

KEYWORDS: Luzia-homem. Naturalism. Literature. Lack of water. Woman.

1 INTRODUÇÃO

Luzia-Homem, escrito por Domingos Olímpio Braga Cavalcanti (1850-1906), pertence ao pequeno grupo de escritores que constituíram o Naturalismo no Brasil. Proveniente da França, o Naturalismo chegou ao Brasil, sem a intermediação de Portugal. Entretanto, o movimento naturalista não teve no Brasil um papel profundo e as obras não alcançaram um alto grau de realização técnica, apesar de algumas obras se destacarem na “escola”.

Muitas vezes, classificar um romance, conto ou poema como Naturalista, Regionalista ou Modernista, implica em uma leitura exata de seus traços totais ligados a uma tendência artística na qual o autor se inspirou, ou até mesmo no momento histórico em que se encontrava. O Naturalismo encontrou maior realização no campo da ficção regionalista – o regionalismo nordestino, em particular. Mas, quais características são tão marcantes na obra para classificá-la como Naturalista? Que efeito produz no leitor quando ler uma obra naturalista? Qual o papel feminino e como a figura feminina é retratada na obra? O que Luzia provoca nos homens e mulheres para ter o apelido pejorativo de “luzia-homem”?

Por conta da roupagem que lhe é dada, a obra Luzia-Homem, apresenta, em relação a seu enquadramento estético e na linguagem da obra, o enquadramento perfeito do regionalismo nordestino e, conseqüentemente, no Naturalismo, pois sua temática gira em torno dos problemas sociais, geográficos e políticos levando em conta os aspectos biológicos, psicológicos e fisiológicos do ser humano. Assim, o fenômeno da seca é tratado como conseqüência humana e social e a figura feminina é sobrepujada. Na obra *supracitada* bem como em qualquer obra do gênero, três fatores devem ser observados: herança, meio e circunstâncias. O autor cumpre o programa estético-filosófico do Naturalismo, que, estreitando os laços entre arte e ciência, demonstrou como funcionam os mecanismos deterministas do comportamento e do destino inglório dos humanos diante das adversidades. Portanto, o enquadramento estético de uma obra literária constitui o feixe de discussões no presente artigo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO NATURALISTA

O Naturalismo é fruto de uma época de profundo apego ao materialismo, ao determinismo e às questões científicas – positivismo. Segundo Pereira (2004), na segunda metade do século XIX foram desenvolvidas teses e propostas nos mais variados ramos das ciências. Com a evolução das máquinas na Revolução Industrial, com a utilização de novos materiais como: o petróleo, a telefonia, a evolução dos transportes, a alavancada na Biologia com Mendel e Darwin e a união desta à sociologia em defesa da ideia da evolução em contraposição ao criacionismo, foram ideias determinantes para o crescimento da escola Naturalista.

Esse período é, sem dúvida, um dos mais férteis períodos na produção de idéias e na tentativa de explicação dos fenômenos sociais, biológicos e comportamentais. Com a convivência de tão avassaladoras ideias, o espírito romântico e suas tendências à idealização, ao sentimentalismo exacerbado e à espiritualização perdem terreno, deixando um espaço a ser ocupado por uma literatura que reproduza o espírito de seu tempo, ou seja, que procure obstinadamente o real, a realidade por trás das aparências, que desvende a verdade independente de qual seja ela, sem se importar com a estética, contanto que ela seja fiel à realidade da qual partiu, ou seja, independente. (PEREIRA, 2004)

No Naturalismo, destacam-se: a força do Positivismo de Comte, do Materialismo Dialético de Marx, da expansão do Liberalismo de Smith nos campos da política e da economia. Todo esse pensamento filosófico criou o pensamento naturalista, sob o qual acreditavam que o indivíduo é mero produto da hereditariedade e seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age.

O Naturalismo constitui-se na busca de fatos e da preferência por eles, marcando uma oposição frontal frente ao idealismo que caracterizava a tendência romântica. Como consequência deste apego à realidade dos fatos, o Naturalismo na literatura marcou como destruidor de paradigmas, de crenças, decidido a estabelecer a verdade daquilo que realmente é em substituição ao reinado do que deveria ser. Saem às aparências e entram as essências. Sem pudor ou escrúpulos, o naturalismo aponta os vícios, indica as feridas

abertas e lhes mete o dedo sem receio ou temor, e é justamente a frieza com que o faz que, às vezes, espanta e choca, soando como diferença, como uma ironia superior e mordaz, mas que, no fundo, é também um recurso de que a escola faz uso. Segue-se:

Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esquálidas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. (OLÍMPIO, 1989, p. 17)

Para melhor entendimento dessas marcas específicas, Pereira (2004, p.163) ressaltava aqui algumas características do Naturalismo:

[...] linguagem simples; clareza e harmonia na composição; preocupação com detalhes; presença de palavras regionais; descrição e narrativa lenta; impessoalidade. E, em relação ao conteúdo, encontra-se determinismo; objetivismo científico; temas de patologia social; observação e análise da realidade; zoomorfismo; despreocupação com a moral; literatura engajada.

O Naturalismo assume, em geral, as características *supracitadas*. Sendo um movimento estético, mais próximo do experimentalismo e do positivismo pois apresenta traços específicos. O Naturalismo, apoiado na Biologia, realiza uma prosa experimental, concentrada nos aspectos crus da realidade. Determinista, vê o homem como um produto do meio, uma projeção do ambiente, com o qual se confunde e de onde não consegue escapar; acredita que cada um traz dentro de si instintos hereditários, que, subitamente, manifestam-se em luxúria, taras, crimes, pois os homens sempre caminham em direção ao vício e às anomalias, por isso dá preferência a personagens patológicas, a partir das quais realiza uma crítica explícita à realidade social.

3 DESTAQUES NATURALISTAS NA OBRA

A linda morena chama a atenção de todos, com longos cabelos negros pele morena do sol incandescente, corpo de encher os olhos até dos mais delicados homens. Faz serviços de homem para poder receber ração dobrada, em virtude de ter a mãe, Dona Zefa, doente em casa (OLIMPIO, 1989).

Luzia-Homem é um romance de técnica puramente naturalista, entretanto a observação cede lugar muitas vezes a aspectos de maior interesse para o autor, como o de captar o enigma da vida, a magnitude de um povo que sofre diante as intemperes geográficas, mas não desiste e tira forças para superar todos os obstáculos de suas vidas – Domingos Olímpio fixou no papel suas experiências da grande seca de 1877. Como resultado dessa seca, o autor cita o seguinte: “ [...] como os míseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubus e carcarás, iam marcando o caminho das vítimas da calamidade” (1989, p.18)

Essa história passada no sertão do Ceará é cenário da luta inglória entre o homem e a natureza, na construção da penitenciária de Sobral, no antigo morro do Curral de Açougue, terreno enegrecido pelo sangue das reses levadas ao abate. Retirantes trabalhavam para não morrerem de fome, esperavam não só os réis no final da semana, mas um prato de ração; tudo retratado de forma dura sem meados sentimentais ou românticos, salvo o romance entre Alexandre e Luzia. A trama se desenvolve num Ceará feudal, agrário e oligárquico do século passado, lidando com latifundiários, coronéis, abuso de autoridade, banditismo, cangaceiros e moribundos ávidos de saciar não só a sede, mas o estômago vazio. Durante esse período (da grande seca nos fins de 1878), escancarou-se o infortúnio sertanejo, a desgraça não poupada e castigada pelo sol causticante – o autor na obra Naturalista, e nesta em especial, exprime o ambiente ressequido em função de seus personagens, famintos; sem ter para onde ir. Permanecer no terreno tórrido e contorcido da caatinga ou se arriscar para o litoral, léguas e léguas a pé sob o incessante sol; urubus e carcarás na espera do primeiro a tombar.

Neste ponto, expondo de forma concisa e resumida, o que ocorre no sertão castigado pelo impiedoso castigo Apolônio, é uma sequência de luta pela vida, pelo amor e sobretudo, pela integridade moral e física de um biótipo de mulher guerreira.

Sob o ponto de vista sociológico, comparando o espaço masculino, onde a solidariedade desses para com Luzia não é maior, e sim, um misto de admiração sensual e física, “– A modos que despreza de falar com a gente, como se fosse uma senhora – murmuravam os rapazes [...]” (OLÍMPIO, 1989, p.14), já o feminino, reina a maledicência, a intolerância, a necessidade de sobrevivência, seja na construção, na venda de comidas nas barracas em volta da Penitenciária ou na prostituição, foi o que fez Terezinha – protetora de Luzia. Pode-se concluir que as mulheres não são mais frágeis que os homens, mas precisa desenvolver, segundo a teoria Darwiana, a lei do mais forte, a seleção natural.

O autor retira a maior soma de efeitos do uso de detalhes específicos. A precisão e fidelidade na observação são características importantes na obra. Esses detalhes são reunidos e harmonizados para dar a impressão da própria realidade. Recolhidos os fatos, há que dar-lhes certo arranjo de acordo com o propósito artístico, a fim de criar uma unidade especial. Na construção da Penitenciária, o autor relata uma realidade chocante: “eram gritos de dor de um machucado, rodeado pela multidão curiosa e compassiva, ou os gemidos de algum infeliz, tombando prostrado de fadiga [...]” (1989, op. cit., p. 12)

Narrado em terceira pessoa, com a presença de um narrador onisciente, não intromissão do narrador, que deixa as personagens e os circunstantes atuarem uns sobre os outros, na busca de solução. O autor não confunde seus sentimentos e pontos de vista com as emoções e motivos das personagens. Retrata objetivamente a vida, a acumulação de fatos, busca um sentido para o encadeamento dos acontecimentos.

A preocupação do narrador é com homens e mulheres, emoções e temperamentos, sucessos e fracassos da vida do momento. Esse senso é fundamental ao naturalismo. O presente é encarado nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais, na prostituição, nas brigas. Qualquer motivo de conflito do homem com seus ambientes ou circunstantes é matéria aberta para o Naturalismo.

A linguagem usada é, muitas vezes, arrevesada e imprópria, características próprias do Naturalismo. “ – Foi o diabo que atravessou no meu caminho. É a última vez que me empatas, peitica do inferno!...” (1989, op. cit., p. 144).

Temos, em Luzia-Homem, a questão dos juízos de reprovação e das condenações baseadas em valores morais, na necessária e defensável manutenção de certos princípios, como a virgindade, cabe em muitas partes da obra a defesa da própria Luzia de sua moral. Segundo Olímpio: “ – O que mais me admira é que não se diz dela tanto assim – afirmou Crapiúna [...]” (1989, p.17). Cabe discutir, também, o problema psicossocial vivido pela mãe de Luzia, que sofre de puxado (asma) e insiste em não tomar o remédio de botica (farmácia) prescrito pelo médico; prefere o indicado por uma rezadeira, Rosa Veado. Nesta preferência, flagra-se o choque entre a medicina popular e a medicina convencional. Alexandre reluta perante a intransigência da velha, pois para ele o saber verdadeiro está com o médico, e a velha, irredutível prefere acreditar nas rezadeiras. “ [...] mãezinha, não faz caso dos remédios, que tem custado um dinheirão. Se tomasse de verdade os da receita do doutor Halvécio...” (1989, op. cit., p. 24)

É lícito falar dessa cultura de séculos passados, comparativamente hoje, rezadeiras e curandeiras retiram os “maus olhados” de criaturas que ainda não desenvolveram suas defesas naturais – bebês, uma prática milenar retratada na obra naturalista. Essa discórdia, entre o saber intuitivo da rezadeira e o saber acadêmico do médico, como bem citado, vem de longe – não se pode esquecer que a escolaridade era um privilégio dos homens, principalmente no Nordeste daquele tempo, daí a interpelação de Alexandre diante a relutante Dona Zefa. Na Idade Média não foi só o clero católico, com medo de perder fiéis, que jogaram videntes e rezadeiras, tidas como bruxas, na fogueira. A própria medicina convencional também cooperou com a Inquisição através de delações, pois queria eliminar a concorrência.

Luzia e Terezinha, que exibem comportamentos supostamente diferentes – uma zela pela dignidade e a outra se vale do corpo para sobreviver; são bem tratadas, quando vão denunciar os abusos de autoridade e assédio sexual do soldado Crapiúna para o delegado; e este toma as devidas providências; a transferência de posto: guarda e faxina da prisão durante o dia e nos dias de folga polícia de feira. Essa execração de Crapiúna é fruto da atuação somada de vários elementos doentios do organismo social machista, tão bem retratado pela obra naturalista. Homem sem pudor que corteja virgem e crianças

(pedófilo), característica repudiada por Alexandre que o enfrenta já somados as desavenças caudas pelos cortejos a Luzia. Domingos Olímpio relata as indelicadezas de Crapiúna com a menina e com Luzia, segue-se:

“Chegou a Quinotinha em procura da ração do pai [...], e o desaforado [Crapiúna] entrou a bulir com ela até fazê-la chorar”, [...]. “Não tinha reparado na sa dona Luzia, milagrosa santa dos meus olhos pecadores...” Aquilo foi me inchando no coração; perdi a paciência, e não me pude conter. Meti os pés; cresci pra cima do cabra [...];(1989, op. cit., pp. 23, 27).

O romance apresenta a demonstração irrefutável da degradação humana, escrever romances, na concepção de muitos autores naturalistas, incluindo Domingos Olímpio, equivale a relatar cientificamente os resultados de experiências, como fazem os cientistas. Assim o caráter das personagens caracteriza a figura naturalista na obra. Os desprivilegiados, homens das ruas, tísicos, loucos, mórbidos, famintos, maltrapilhos – esses povoam a obra e reforça o caráter seco e duro do naturalismo. Neles, os destinos das personagens são determinados por três fatores: herança, meio e circunstâncias.

Percebe-se a duplicidade da personagem principal, ela é bonita, gentil e retirante da seca, mas também tem força descomunal. Os personagens são previsíveis e seguem a lógica do Naturalismo: comportamento patológico na pessoa de Crapiúna; determinismo na figura de Luzia; causa e consequência na pessoa de Teresina; fragilidade com o personagem Alexandre; enfim, são realçados os traços negativos e vis das pessoas e sua impotência diante dos acontecimentos da vida.

Os tipos apresentados no romance vivem com bastante verdade psicológica: Luzia, a protagonista, é do tipo mulher masculinizada, de músculos fortes, mas de sensibilidade aguçada. É solitária, boa, corajosa, firme de caráter, constituindo-se num símbolo da mulher cearense, heróica na sua luta contra o flagelo da seca, da emigração, da maledicência e da prostituição. “Sob os músculos poderosos de Luzia-Homem estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto [...]” (1989, op. cit., p. 20).

Crapiúna é o mau soldado, excessivamente perigoso, astuto e inconsciente. Teresinha, vítima de terceiros. Alexandre, o namorado, é bem delicado, bem como Raulino. O capitão Marcos e a família, sensíveis ao sofrimento comum, conservam, entretanto, o orgulho patriarcal do fazendeiro.

Apesar dos preconceitos e da divisão rígida dos papéis sexuais da época, a necessidade faz com que o pai de Luzia a eduque como homem, entregando-lhe responsabilidades masculinas devido à ausência de filhos varões para cuidar da fazenda e do gado. Quando o pai morre e seca acaba com a fazenda. Luzia se aventura pelo mundo, levando consigo sua mãe doente. Ela não se poupa de fazer atividades tidas como masculinas: trabalha na construção civil da frente de serviço (única fonte de renda possível devido à improdutividade agrícola com a seca) tentando garantir o seu sustento e o da mãe, numa atitude muito corajosa.

Além de sua força descomunal que salvara Raulino de um episódio com uma rês na qual Luzia agarrou o bicho pelos chifres e o sojigou que nem um cabrito possuía cabelos nos braços e um buço que parecia um bigode. Nos homens: provoca desejo por ser uma mulher muito bonita e de belos cabelos longos (como o autor gosta de salientar), mas também frustração, despeito, já que ela nunca cede aos assédios sexuais destes, principalmente aos do soldado Crapiúna (o arquétipo do abuso de autoridade). O soldado era apaixonado ou pelo menos atraído fisicamente por Luzia. Esta não correspondia aos seus cortejos, desprezando-o e tornando-o cada vez mais obcecado por ela. Recatada e silenciosa, não tinha muitas relações de amizade, mas mantinha uma relação de amizade e ajuda mútua com Alexandre.

Nas mulheres: provoca inveja, comentários maliciosos e intrigas, pois ela, sempre preocupada com a sobrevivência, não interrompe suas atividades para fuxicos, era pouco expansiva, tímida, recatada e vivia afastada dos grupos – só cuidava da mãe doente.

Crapiúna, por sua vez, tem sua trajetória iniciada pelo interesse por Luzia, porém, um interesse que vai, aos poucos, se transformando em um caso patológico. Portanto, seu comportamento é coerente com sua obsessão e não há limites que o impeçam de realizar seu intento: ter Luzia a qualquer preço, não porque sentisse amor profundo, mas porque sua atração era sexual, cada vez mais atiçada pelas recusas moça. Ele é, então, um personagem previsível, já que, pela lógica naturalista, seu destino também estava determinado.

Toda obra é caracterizada por fatos e circunstâncias que determinavam os comportamentos e os destinos humanos. Desvios e patologias de todas as espécies são encontrados na obra.

4 A FIGURA FEMININA NA CONCEPÇÃO NATURALISTA & OLIMPIANA

É marca na obra naturalista o narrador assumir uma atitude distante, agindo como um simples observador, pois nessa estética “desnudem-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas as causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação)” (BOSI, 1994, p.188). Todavia, é importante notar que tudo o que o leitor sabendo sobre a mulher é filtrado pelo olhar do narrador, um ser do sexo masculino, geralmente em terceira pessoa. Significativas são as passagens abaixo, em que o narrador fala da mulher:

Um dia, visitando as obras da cadeia, escreveu ele, com assombro, no seu caderno de notas: “Passou por mim uma mulher extraordinária carregando uma parede na cabeça.” Era Luzia, conduzindo para a obra, arrumadas sobre uma tábua, cinquenta tijolos. [...] firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d’água, que valia três potes [...] de outra feita, removera, e assentara no lugar próprio, a soleira de granito da porta principal da prisão, causando espasmo aos mais valentes operários [...] (OLÍMPIO, 1989, *ipsis litteris* p.13)

Nos trechos acima, fica claro que a aparente anormalidade é ressaltada. A mulher que sai do padrão de formalidade fica marcada e passa a ser o centro das atenções. Luzia é vista como um ser estranho à sociedade, uma mulher “pouco expansiva, sempre em tímido recato [e que] quase não conversava com as companheiras de trabalho.” (OLÍMPIO, 1989, p.14), ou seja, ela não se encaixava no perfil de mulher esperado pela sociedade descrita pelo narrador.

Por conseguinte, Luzia é uma mulher bela, valente no trabalho, gentil e cuidadosa, oriunda da raça negra e retirante do sertão. Representa a determinação da eterna luta pela sobrevivência. A cotidiana batalha pelo pão de cada dia exercida pelo retirante e que

perpetua sua dependência e sua manutenção na plebe. A Ela não se dá o direito de sonhar e menos ainda de amar, principalmente um homem branco. O amor que surge em seu coração é sempre sufocado por ela ao pensar nas diferenças existentes entre ela e Alexandre. É uma personagem fadada a sucumbir na condição em vivia, sem qualquer possibilidade de ascensão. Seu lugar era aquele, o sertão, e seu destino o sofrimento. Não lhe era permitido sequer chegar até a praia ou ter felicidade com a saúde da mãe ou o amor de Alexandre. Sua submissão retrata a ação determinista e positivista sobre ela, pois não se devia nem mesmo questionar a razão da impossibilidade de seu amor, de sua felicidade e de uma mudança de vida. A única possibilidade era aceitar.

O casamento, por outro lado, parece ser o marco decisivo para que a mulher entre no padrão comportamental desejado pela sociedade. Os sentimentos da mulher são filtrados pelas convenções sociais, numa mistura entre o que é dito e o que deveria ser feito.

É importante notar que dentro do Naturalismo o casamento não é uma constante e os que se realizam sempre trazem uma boa dose de infelicidade para os cônjuges. Normalmente a união do casal não é legalizada. Homem e mulher, ou macho e fêmea, simplesmente moram juntos. Tentando explicar literalmente tais fatos, Segundo Massaud Moisés (1989, p.18 *apud* COSTA, 2002, p. 03) diz que no Naturalismo “o patológico torna-se regra, pois a tese preconizada não admitia que o corpo social pudesse ter órgãos saudáveis”. Ou seja, desejo sexual é visto como doença, como vício que deve ser satisfeito, tanto faz que seja com o casamento, com o adultério ou com a prostituição.

Um cruzar de caminhos marca a saga das mulheres do Naturalismo brasileiro. Uma espécie de castigo atávico deixa-as em um mesmo patamar de sofrimento. Como veremos a seguir, há dois tipos de final para o personagem feminino: o da degradação física (culminada com a morte que foi o caso de Luzia) e o da degradação moral. Ser mulher é crime. O autor naturalista leva tal regra bem a sério. Suas personagens femininas são sempre culpadas de algo, mesmo que esse algo não tenha ainda acontecido. Costa (2002, p.04) adverte que as narrativas naturalistas “sempre caminham para um desfecho trágico, em que a figura feminina é sempre sacrificada em prol da defesa da ideologia de que é a mulher a causadora de grande parte da desgraça do homem.” Assim, pureza é punida com morte. Adultério é punido com morte. Fraqueza, também.

Ao observar o que foi colocado no parágrafo anterior é possível fazer uma discussão sobre a questão do ethos masculino que também é colocado na obra em estudo, pois quando atentamos para análise do discurso presente do romance, percebe-se uma série de características que será discutidas nos próximos parágrafos.

Na narrativa *Luzia-Homem*, ocorre a transposição do ethos discursivo positivo masculino para a figura feminina de Luzia. Para tanto, o discurso narrativo é elaborado por meio do ethos do macho viril e forte o qual possui uma força fora do comum. Entretanto, o atributo da força física é designado para uma mulher “Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher [...] encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas do sertão” (Olympio, 1973:16). Nesse sentido, o Locutor desconstrói em *Luzia-Homem*, a definição de feminilidade postulada no final do século passado a qual via a mulher como sexo frágil e lhe atribuía a penas tarefas domésticas.

Luzia legitima seu ethos discursivo na força física que é comparada a de um homem “Não lhe acho graça [...] Depois [...] com semelhante força [...] nem parece mulher [...]” (Olympio, 1973:32), o que contribui para o trânsito da personagem tanto no universo masculino como no feminino, levando Luzia a possuir um efeito ambíguo. Dessa maneira, a força física de *Luzia-Homem* se complementa com sua beleza de fêmea e permite que o discurso de donzela-guerreira seja legitimado. Para Beauvoir (1991), “No tempo em que se tratava de brandir pesadas maçãs, de enfrentar animais selvagens, a fraqueza física da mulher constituía uma inferioridade flagrante” (Beauvoir, 1991:73). Em *Luzia-Homem*, a fraqueza feminina é retirada o que deixa a mulher em grau de igualdade com os machos.

Nesse sentido, a figura da donzela-guerreira desautoriza o discurso patriarcal presente no discurso do romance. Sem dúvida, o discurso a respeito de machos e fêmeas influencia na maneira pela qual ambos devem se comportar em sociedade: “Não é enquanto corpo é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza é em nome de certos valores que ele se valoriza” (Beauvoir, 1991: 56). Assim, os corpos submetidos a discursos os quais produzem nos sujeitos consciência dos valores pertinentes a seu gênero aos quais devem respeitar.

Luzia enquanto mulher com força masculina era vista com estranheza pelas demais do seu gênero “Mulher que tinha buço de rapaz, pernas e braços forrados de

pelúcia crespa e entornos de força, com ares varonis, [...] devera ser um desses erros da natureza [...]” (Olimpio, 1973:24). Noutra perspectiva, a donzela-guerreira, tem seu discurso de gênero feminino mantido, pois sustenta valores do gênero. Desse modo, a mesma sustenta o discurso que o gênero masculino é livre de sanções sociais relacionadas ao sexo.

Nesse contexto, o discurso produz a imagem de uma sexualidade ainda vista como um tabu, na qual a virgindade é um dos principais atributos femininos. Essa perspectiva deve-se ao contexto de produção da narrativa escrita no século XIX. Desse modo percebe-se que o corpo da mulher influencia na sua situação em sociedade, já que esse é visto como um diferenciador entre machos e fêmeas e para tanto devem obedecer a padrões sociais.

Entretanto, ele não é o único fator determinante para delimitar sua atuação no social, pois a biologia não basta para entender a atuação dos gêneros, já que as enunciações discursivas elaboram um conjunto de comportamentos a serem seguidos pelos gêneros como deixa claro Beauvoir (1991)

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para defini-la. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (Beauvoir, 1991: 57)

Logo, a superioridade muscular masculina é o que aproxima a donzela-guerreira da assimilação do ethos positivo masculino. Noutra perspectiva, o discurso a respeito do comportamento feminino a distancia do ethos masculino. Nesse contexto, o discurso narrativo faz uso do discurso biológico para produzir uma donzela-guerreira forte fisicamente e frágil psicologicamente. Assim, por meio da fragilidade psicológica, o discurso narrativo constrói a perspectiva de fêmea indefesa.

Luiza-Homem, a “donzela-guerreira”, no dizer de Costa (2002, p.05), é punida à medida que vai tornando-se feminina. Enquanto está pseudo-masculinizada, é intocável; mal abre o coração para o amor, morre.

Assim como Luiza, é fisicamente forte, mas não resiste à dor e ao sofrimento moral e acaba assassinada por Crapiúna; Terezinha é prostituta, sem vergonha, mulher de vários homens; Rita Veado é curandeira e macumbeira; a inocente Quinotinha sofre assédio sexual; Chica Seridó faz oração forte; tia Zefa está com puxado; a sarcástica Romana - a roliça e quente cabocla de dentes pontiagudos; e outras mulheres são retratadas como invejosas e fuxiqueiras que vivem a maldar.

Mesmo com o interesse de salvar as verdades dos fatos, o escritor naturalista acaba sendo levado por uma ideologia que, como diz Costa (2002, p.05), ressalta o geral para esconder o particular. As mulheres presentes nas obras naturalistas do século XIX são geralmente postas num mesmo patamar de causas e conseqüências, tendo como destino o alijamento social ou morte. A histeria também faz parte do painel feminino do século XIX na obra naturalista e serve como forma de caracterizar um castigo feminino. Um possível confronto das personagens estudadas neste trabalho com outras do mesmo período histórico-literário poderá demonstrar facilmente que, em vários pontos de nosso Naturalismo, as mulheres são representadas de formas bastante semelhantes e que, talvez por isso, merecem o mesmo desfecho, sempre em forma de castigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra tematiza a violência e o sadismo que floresceram como literatura naturalista. Entretanto, há nuances de Romantismo na obra (Alexandre e Luzia). O autor explorou a duplicidade da personagem principal: bonita, gentil e retirante da seca, mas também de força descomunal que a corou com o cognome Luzia-homem. No romance, Luzia integrava um grupo de retirantes, e sua figura forte e a personalidade marcante logo atraía a atenção dos homens que disputavam seu amor, tudo envolto a uma atmosfera puramente naturalista.

Luzia sucumbiu, pois num jogo de forças com o vilão, de nada valeu sua força física, assim como não valeram seus bons sentimentos e até a doçura de alma escondida atrás de tantos músculos. Tornou-se, portanto, vítima da fatalidade das leis naturais, que a impediram de ter outro destino, principalmente na figura da mulher na obra naturalista.

A morte como desfecho vem coroar esse determinismo, pois é a única saída possível para a personagem. Não há a menor possibilidade, nos romances naturalistas, de ocorrer um acaso ou “milagre”, comuns em romances românticos em favor das personagens. Sempre a desgraça humana é o palco das consequências trágicas nas obras naturalistas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Histórias concisas da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

COSTA, José R. Neres. **As mulheres do naturalismo**. O Estado do Maranhão, 09 de janeiro de 2002. Opinião. p. 07.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 10ª ed. São Paulo : Ática, 1989.

PEREIRA, Helena Bonito. **Na trama do texto: língua portuguesa**. Helena Bonito Pereira, Márcia Maisa Pelachin. – São Paulo: FTD, 2004. – (Coleção Delta)